

AVANÇOS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NA ATUALIDADE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE HANNOUN E A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO UMA APOSTA *ENACTANTE*

Joedson Brito dos Santos¹

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

jbsantus.ufpb@gmail.com

Resumo: Este ensaio reflete sobre alguns avanços e desafios da educação brasileira tendo como foco as pesquisas na área das políticas educacionais e os limites e possibilidades para o enfrentamento dos desafios postos à educação na atualidade. Parte-se de uma abordagem crítica reflexiva propondo um olhar sistêmico sobre escola e a educação, propõe uma reflexão a partir do contexto da crise da modernidade e das proposições do paradigma do pensamento complexo. Para subsidiar a reflexão utiliza-se das contribuições de Hannoun (1998) que propõe pensar a educação como uma aposta *enactante*. O texto, ainda, propõe pensar na atenção a Educação Infantil como uma aposta *enactante*, uma vez que esse nível de ensino tem como pretensão o desenvolvimento integral da criança, conseqüentemente, do ser humano.

Palavras chave: políticas educacionais; aposta *enactante*; Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

No presente texto refletimos sobre avanços e crises na educação formal regular e na pesquisa educacional tendo como foco as pesquisas na área das políticas educacionais brasileira. Discutimos, também, os limites e possibilidades para o enfrentamento dos desafios postos à educação na atualidade.

Partimos do pressuposto de que a busca por tal enfrentamento requer um olhar dialógico e tridimensional: olhar para além dos muros da escola e dos sistemas educacionais; um olhar sobre a própria educação e suas finalidades e um olhar para o educador, em todas suas atribuições (docência, pesquisa, formulador/executor de políticas da educação) sobre si mesmo e sua ações.

Para subsidiar essa reflexão utilizamos as contribuições de Hannoun (1998). Esse autor considera a educação um celeiro de permanentes incertezas e ao mesmo tempo o campo que envolve um conjunto de pressupostos fundamentais e instrumentais que se pretende orientar a atividade educacional, no sentido de “desenhar a personalidade global da humanidade.

¹ Mestre em educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Ele propõe a educação como uma aposta, uma vez, que não nos há convicção quanto ao resultado da ação da educação, mas, imbuído dos pressupostos, de coragem, comprometimento e entusiasmo do educador.

Nessa direção, propomos, também, a possibilidade de se pensar no investimento e na atenção à Educação Infantil como uma aposta *enactante*, uma vez que esse nível de ensino tem como pretensão o desenvolvimento integral da criança, conseqüentemente o ser humano.

2. DESAFIOS ATUAIS DA EDUCAÇÃO: REFLEXÃO SOBRE PESQUISAS EDUCACIONAIS

Nos últimos 15 anos, o Brasil tem realizado significativas reformas e mudanças em todos os níveis de ensino. Tais como, avanços na ampliação do acesso²; na redução das desigualdades sociais de acesso; na permanência, com a elevação da quantidade de alunos que concluem o Ensino Médio; na ampliação do número de profissionais da educação e da escolarização dos mesmos; na criação de um sistema de avaliação estruturado e tecnicamente sólido; no desenvolvimento de mecanismos de descentralização da gestão. Enfim, no aumento de políticas, programas, planos, leis, diretrizes e propostas de estratégias para melhorar a qualidade da educação nacional.

Ao mesmo tempo, alguns problemas e desafios parecem longe de serem resolvidos. Ainda, é grande o número de alunos que não chegam a completar 12 anos de estudos; a escolarização e muitos programas de formação de professores sofrem com a precariedade e pouca qualidade; muitos alunos têm baixos resultados nas avaliações de desempenho e de aprendizagem; e, muitos que concluem o ensino básico, além de não conseguirem entrar na universidade, também, carregam déficits elementares de aprendizagem; falta clareza em relação à padrões mínimos de qualidade para as escolas e para a educação em geral; há problemas relativos à valorização, proletarização e precarização do trabalho docente; como também impasses com relação a gestão dos recursos educacionais; crescimento dos casos de indisciplina e violência escolar e além desses, a fragilidade e/ou baixa capacidade técnica, desconhecimento e/ou falta de vontade política, de órgão de fiscalização e gestão educacional, em relação a existência,

²De acordo com dados do INEP/MEC, no final da década de 1990, o Brasil tinha conseguido colocar 97% de suas crianças de 7 a 14 anos de idade, no sistema escolar.

implementação, ou operacionalização de várias programas e propostas de políticas educativas, existentes³.

Estes, e tantos outros desafios, configuram-se em desafios e limites para consolidação da escola pública de qualidade para todos, revelam, ainda, que há muito que avançar e demonstram, no contexto deste ensaio, o que chamaríamos de crise da escola, da educação formal regular e das políticas educativas.

Tais aspectos mencionados constituem-se problemas de estudos e pesquisas em diversos programas de Pós-Graduação, nas ciências humanas e sociais, em especial, na pesquisa educacional, bem como tem sido objetivo e objeto de inúmeras políticas públicas sociais (educacionais) no país. Todavia parece-nos que, a pesquisa em educação, particularmente, no campo das políticas educacionais, não tem respondido eficazmente, aos dilemas e desafios postos a mesma na atualidade.

Essa crise, todavia, não é algo restrito ao Brasil, como afirma Ferreira e Oliveira (2009): “essa tensão não é circunscrita à realidade brasileira ou a qualquer realidade nacional em específico. Tampouco se restringe a determinado nível ou etapa da educação. A crise que a educação formal regular enfrenta é ampla e diversificada, não podendo ser compreendida sem que se considerem aspectos que estão para além dos sistemas escolares”.

Será talvez, que a nossa produção de conhecimento no campo da educação, particularmente, sobre as políticas educacionais, como também na elaboração e implementação destas não seguem de maneira fragmentada, setORIZADA e priorizando os interesses e ditames das ideias hegemônicas, nos termos gramsciano, de uma sociedade, predominantemente, capitalista? Nesse sentido, arraigado na razão moderna, por sua vez, em crise? Será, por outro lado, que os pressupostos e possibilidades de um conhecimento sistêmico, orgânico, integrado e integrador, isto é, complexo, poderá se constituir uma resposta e um enfrentamento mais adequado aos dilemas postos?

A nosso ver é fundamental um olhar dialógico e tridimensional sobre esse processo. Dialógico, sobretudo, no sentido de pensar a educação como uma realidade que se configura, apenas, numa das dimensões ou fio que compõe as tessituras do tecido social, seus conflitos, suas tramas e inter-relações. Existe uma estreita relação entre educação e sociedade e por isso é necessário pensá-la dentro de uma reflexão dialógica

³ Há casos de municípios que contratam empresas e consultorias para, elaborar seus PPP, PAR, PDDE-Escola, ou para gerir ou ensinar gestão democrática.

dela com as demais dimensões sociais. Ao mesmo tempo, esse diálogo acontece em três direções: olhar a escola a partir do tecido social, a partir dela mesma, de seu papel e suas finalidades e do educador, enquanto, sujeito-social-educador.

Do tecido social: Há uma estreita relação entre sociedade e educação, de forma que, não há educação sem sociedade nem sociedade sem educação⁴(LUCKESI, 1994). Desse modo, assim como os conflitos sociais atingem as demais instituições sociais, família, por exemplo, a escola, também, é diretamente atingida/impactada por ela e suas contingências. Um aluno com excesso de agressividade em sala de aula, não reflete, simplesmente, um quadro de violência escolar, antes, porém de violência na escola, pois tal fenômeno que nela se manifesta é antes um fato social. Essa ilustração é para destacar que um tanto de problemas da escola não é da escola e do tecido social do qual a escola é parte orgânica. Sendo assim, é importante um olhar para além dos muros da escola e dos sistemas educacionais, para um melhor enfrentamento de seus dilemas.

O olhar da escola sobre si mesmo: a escola como vista hoje é uma invenção recente da modernidade, sua estrutura, organização, tempo-espacial, seu currículo, seu papel, objetivo e funcionalidade. Essa têm sofrido alterações no sentido de corresponder aos paradigmas e a maneira de pensar da modernidade.

Mesmo com as transformações que tem ocorrido na educação faz-se necessário um olhar que pressupõe (re) pensar, positivamente, o que é a escola? Qual seu papel? Qual sua finalidade? Isso talvez ajudasse a diferenciar qual a função da educação frente aos problemas sociais que atingem a escola, o que é que a distinguem e qual sua especificidade dentro da sociedade. Talvez, seja preciso, inclusive, repensar a fragmentação no(s) currículo(s) e nas políticas educativas. A escola pertence à educação formal, e nesse sentido, há que convir que apesar do professor e da escola estarem em contato, as inúmeras contingências e demandas, a ela cabe um papel específico.

Um olhar para o educador: em suas atribuições (docência, pesquisa, formulador/executor de políticas da educação) sobre si mesmo e suas ações. É

⁴Luckesi (1994) trata da relação educação e sociedade abordando três vertentes que objetivam nortear a compreensão da educação e de seu direcionamento para com a instância social. O mesmo chega dizer *não há sociedade sem educação nem educação sem sociedade*. Indaga a respeito do sentido que pode ser dada à educação dentro da sociedade, e elucida o termo a partir das tendências *redentora*, *reprodutora* e *transformadora*, na primeira a educação atua como corretora da sociedade, na segunda como reprodutora e ou perpetuadora de um modelo social, e a tendência transformadora, tem como perspectiva a educação que modifica a sociedade por meio da democracia e em favor da substituição de um modelo imposto pelo Estado (p. 37- 52).

importante um olhar para o educador enquanto sujeito-social-educador. Primeiro, ele é um ser social, sujeito instituído e instituinte da sociedade que afirmamos em crise, logo um sujeito, também, repleto de conflito. Ao mesmo tempo, é sujeito educador (que faz, se fez, que está se fazendo) que ocupa, entre outros papéis, um papel social particular e é importante assumi-lo como tal, ainda que com suas crises. Um papel, uma função, um profissional, um deus moderno no mundo da criação.

3.A CRISE DA RAZÃO COMO CHAVE DE LEITURA

Como enfrentar esse momento histórico com suas novas dinâmicas e desafios? Como construir ou tecer respostas à crise posta à educação formal regular e suas políticas e as pesquisa em educação, sobretudo, num contexto de constantes incertezas? Entrar as possibilidades de chave de leitura, pensar sobre a crise de paradigmas (da razão e por consequência da sociedade) posta na contemporaneidade, seja uma via pertinente/importante.

A crise⁵ da razão moderna sem dúvida traz grandes indagações á sociedade contemporânea. Um clima de incertezas, frustrações e desafios. A crença na transformação e progresso do mundo por meio da ciência, da razão sofre grande golpe. Uma de suas principais características a crença de que as teorias, os conceitos, os modelos, a pretensão de trazer/fazer o desenvolvimento e o sucesso da sociedade e as respostas dadas pela modernidade falharam, haja vista, chegamos ao século XIX com uma constatação: a ciência não conseguiu responder aos problemas básicos humanidade⁶.

A racionalidade moderna marcou a história do conhecimento ocidental favorecendo a fragmentação do conhecimento e pensamento humano. Hegemonizou um modelo mental cartesiano, o pensamento linear, a racionalidade e o culto à objetividade. Induzindo a criação de especificidades, que promoveu a criação de especializações e a dicotomia homem-mente.

⁵O auge dessa crise está entre as décadas de 60 a 80 do século XX, quando começaram a surgir inúmeros e grandes problemas da qual a razão moderna não conseguiu pensar sobre problemas de abrangência planetária, da qual o pensamento linear e fragmentado não conseguiu pensar. Na tentativa se propôs a disciplina ecologia, porém além de se limiar apenas alguns os problemas ambientais só tem aumentado.

⁶Problemas em matéria de recursos, em acesso a direitos básico a alimento, justiça social, equidade direitos humanos, democracia, problemas ambiental dentre outros.

Tal processo influenciou de sobremaneira como os indivíduos são educados, a sua forma de pensar, sua cultura, as práticas e relações diárias, tanto no plano individual quanto no social. De forma semelhante, a escola, como tal como conhecemos, configurou-se a partir dessas referências e paradigmas da racionalidade moderna, por isso, apresenta-se com uma organização fragmentada, com regras bem definidas, rígidas e fechadas.

Todavia, os paradigmas da racionalidade moderna foram postos em cheque. Foram e estão sendo criticadas e combatidas por inúmeros estudiosos, entre estes, Edgar Morin, Jiddu Krishnamurti, Maturana, Humberto Mariotti, Hannou, Mafesoli, principalmente, no intuito de propor uma racionalidade mais orgânica, menos técnica e dicotômica. Um dos contrapontos propostos por alguns destes, é a defesa da tese ou pressuposto do pensamento complexo⁷.

Para Mariotti⁸ (2000) o pensamento linear é predominantemente, pautado pela ordem e dessa forma é inadequado para refletir sobre o universo, sobre a vida e sobre a humanidade, haja vista a vida, o cosmo e o ser humano são essencialmente complexos, ordem e desordem, caos e cosmo, ao mesmo tempo são orgânicos.

Por conta dessas características, este autor chega a afirmar, que o pensamento complexo é a melhor proposição para pensar essas mencionadas realidades, pois não se trata de uma teoria, mas de uma realidade. Particularmente, no que se refere à educação, Mariotti (2000) propõe uma educação que articule o pensamento linear ao sistêmico, como proposição para construção de um pensamento complexo.

Nessa perspectiva, a crise da modernidade constitui-se numa importante chave de leitura, haja vista muitos dos fundamentos teóricos-metodológicos, didáticos-pedagógicos, organizacionais entre outros, que compõe a escola, a educação formal e as pesquisas nesse campo, configuraram-se a partir de pressuposta da modernidade, tais como, reducionista, linearidade e a fragmentação do conhecimento. Logo se tais

⁷ O pensamento complexo é um paradigma que vem sendo discutidos nas últimas décadas como proposição de superação ou enfretamento da racionalidade moderna, tendo como afirmação que todo e tudo no universo e a existência são orgânico, por isso é necessário um pensamento complexo que pensa a totalidade, a organicidade da vida. As discussões sobre esse paradigma entre seus formuladores está Edgar Morin.

⁸ De acordo com Marriti (2000) a complexidade não é um conceito teórico é uma realidade uma vez que a vida humana rica, corresponde à multiplicidade e à contínua interação de sistemas e fenômenos que constituem o mundo natural. Morin é considerado um dos grandes formuladores de Teoria do Pensamento Complexo.

paradigmas estão em crise, pois não respondem as questões que lhe são postas, também, à educação vai revela-se fragilizada ao não conseguir responder seus dilemas e desafios.

4.CONTRIBUIÇÕES DE HANNOUN (1998) PARA PENSAR OS DESAFIOS POSTOS A EDUCAÇÃO NA ATUALIDADE

A nosso ver, Hannoun (1998) nos traz uma grande contribuição para pensarmos as ideias postas nesse texto, principalmente, por propor pensarmos a educação como uma aposta *enactante*. A proposta *enactante* é um pensamento-ação, é uma ação reflexão, uma decisão teórica e prática ao mesmo tempo. Tem como base a concepção de *enação*, expressão que em sua raiz refere-se a uma ação em decorrência da percepção global de uma realidade. Ação que emerge do percebido, do conhecido, mediante ao próprio processo de conhecer. Prática movida pela teoria e teoria movida pela prática, ação e decisão frutos de pressuposições vividas, experimentada, conhecidas.

Tal compreensão envolve o plano de toda corporeidade, da motricidade, da afetividade e das relações humana e social, da moral e da ética⁹. O agir e as escolhas são constituídos por móbeis, intencionalidade, sendo estes, os motivos, argumentos e justificações de cada decisão. Os móbeis “constituem o conjunto dos fatores bioafetivos conscientes e/ou inconscientes inseparáveis dessa reflexão”. Tais aspectos são criados na subjetividade, a partir da vivência, dos conhecimentos e ações do indivíduo, tornam-se fundamentos, convicções e certezas de cada indivíduo, por isso, incertos (HANNOUN, 1998, p. 47).

No conjunto de suas formulações, Hannoun (1998) traz algumas contribuições importantes para se pensar esse processo, uma vez que o mesmo compreende que tudo que existe está num permanente conflito, entre entropia-neguentropia, desordem-ordem, caos-cosmo. E nesse sentido a educação, as relações de aprendizagens tecidas no processo educativo, bem como as políticas educacionais, têm uma função orientadora, coordenadora, ou interventora da vida humana no mundo. Mas não só, tem função de dar sentido, ou humanização a neguentropia, de não deixar o mundo apenas por conta da orientação da natureza, ou por conta de uma lógica, predominante, que se é hegemônica em determinar as tendências, valores comportamentos, ou ainda, por contar dos conflitos que em si são mais provocativos do que propositivos.

⁹ Na perspectiva do pensamento complexo, a tese de Hannoun (1998) propõe uma superação da dicotomia e da fragmentação teoria e prática elemento predominante dentro da razão moderna.

Para Hannoun (1998) a educação formal é um empreendimento da humanidade. Uma revolta contra as determinações externas e construtoras da pessoa. Um recusar do ser humano em se deixar determinar pelo acaso, pelas circunstâncias ambientais, biológicas, pela educação informal, pelas contingências. A educação tem com “finalidade desenhar a personalidade global na mesma medida em que a biologia genética contemporânea pretende traçar seus contornos anátomo-fisiológicos futuros”. É decisão da humanidade por escrever seu destino, de criar a si mesmo e a própria humanidade. Assim o ato de educar pressupõe que se façam escolhas, essas necessariamente, pelo “Reino e não pelas trevas” (HANNOUN, 1998, p.15).

Esse processo traz consigo algumas implicações, tais como: (1) Diferentemente do acaso e da educação informal, a partir da educação formal, a própria humanidade passa a decidir os fins, objetivos, métodos para realizar sua pretensão de construir ou desenhar a personalidade global da humanidade; (2) As escolhas comportam tanto a possibilidade dos avanços, e da esperança quanto a possibilidade do erro, e dos retrocessos; (3) A responsabilidade do criado para com a criação; e, (4) que seja uma aposta *enactante*.

O processo educacional tem como fundamento basilar dois tipos de pressupostos, os fundamentais e os instrumentais. Os primeiros são aqueles que encontramos em todos os campos e dimensões da atuação humana, estão mais próximos dos princípios e vinculados à moralidade, a dignidade; o segundo são peculiares à relação professor-aluno, são os valores, estes, que tem suas raízes, tanto no indivíduo e no conjunto de suas vivências quanto no meio ambiente e conduzem o ser humano. Assim, a educação se torna fonte de valores, pois a finalidade do ato de educar está ligada a valores, ou melhor, legitima o valor por de trás da finalidade. Os pressupostos são inevitáveis, pois sempre há por de trás da reflexão ação princípios que os guiam e orientam.

Assim, afirma Hannoun:

A reflexão e a ação educacionais pressupõem o real fundamento de afirmação referente, por um lado do homem como humanidade e como pessoa, e, por outro, ao processo de ensino-aprendizagem. No plano fundamental, o conceito de educação só é aceitável se a humanidade for possível obreira da felicidade e se a imagem do homem por forma-se for moral e socialmente positiva, enfim, se a pessoa humana for perfectível e capaz de liberdade. No plano instrumental, no âmbito escolar, vimos que o processo ensino-aprendizagem pressupõe sua própria eficiência e o valor positivo de suas finalidades, estruturas, conteúdos e métodos (1998, p. 43).

Além de, supor também, a capacidade e vontade de ensinar por parte do professor, a presença mínima de motivação para acomodação-assimilação dos conteúdos escolares. Enfim, que seja um instrumento de emancipação do sujeito. De transformação de seus comportamentos (HANNOUN, 1998, p. 43).

Por outro lado, em todo esse processo o educador não terá certeza de seus fundamentos, mas será convidado, a fazer escolhas, ou deliberar sobre elas, de maneira livre, lúcida, criativa, corajosa e entusiasmada. O professor será movido a fazer uma aposta. Não se trata de uma aposta expectante, ao contrário, é composta de ação-reflexão, de uma crença, na possibilidade de melhorar a humanidade e coragem para responsabilizar-se por tal pretensão.

Hannoun é referencia importante para se pensar os avanços e crises na educação, pelas seguintes razões: (1) por nos propor pensar no papel e na finalidade da educação formal, sobretudo, numa perspectiva que transcende a modernidade e a pós-modernidade, pois refere-se a natureza e especificidade ontológica da educação; (2) por compreender a vida como movimento entre ordem e desordem, nesse sentido, entre avanços e crises; (3) por nos possibilitar pensar a educação a partir das relações entre seus sujeitos, entre os saberes que a compõe como campo conhecimento e saber científico, e entre os saberes a constitui enquanto filosofia da educação; (4) por colocar no centro do seu fazer educativo o ser humanos como sujeito autônomo e capaz de tomar decisões e fazer escolas e agir com coragem e entusiasmo para recriar a humanidade; (5) por reconhecer que a educação não se faz sozinha, a que considerar os pressupostas instrumentais e fundamentais, bem como as contingências, demandas e insumos necessários, tanto os materiais quanto os subjetivos; e por fim, (5) por apresentar o conceito de *enação* e de aposta *enactante*. Sobre esse ultimo aspecto, compreendermos que, uma vez, munido dos pressupões fundamentas o educador/pesquisador/político/gestor/(seja qual função estiver exercendo) é provocado a tomar decisões visando o fazer educativo.

Sendo assim, a educação brasileira (ou projeto educacional) precisa ser (re)pensado e o grande sujeito desse processo e o educador. Sua finalidade, seu papel, precisamos aprender com os outros, com as experiências de sucesso, mas também, precisamos criar um projeto de educação nacional e que tenho como parâmetro quais as

finalidades da educação formação formal, qual sua organicidade e não quais as especificidades do ser humanos, do universo.

5. A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO UMA APOSTA *ENACTANTE*

Nesse contexto, propomos pensar no investimento e na atenção à Educação Infantil como uma aposta *enactante*. Não se trata apenas do investimento financeiro, mas nas proposições para construção de um projeto nacional de educação que comece, necessariamente, pela educação na primeira infância.

A Educação Infantil, nas últimas décadas têm sido reconhecida, em âmbito internacional, pelas diversas ciências, governos e entidades, como a fase mais importante da vida do ser humano. O investimento destinado à primeira infância, sobretudo, a partir da ação educativa, produz contribuições para o indivíduo e sua família, para o sistema educacional e para o crescimento de uma nação (ABREU, 2004).

Abreu (2004) destaca, por exemplo, que estudos desenvolvidos no Brasil e no mundo – pelo UNICEF, UNESCO, Banco Mundial e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada PEA - sobre os impactos trazidos por ações dirigidas à primeira infância apresentam indicações significativas quanto à relevância dos investimentos e acesso a educação para a criança pequena. Destaca, por exemplo, os benefícios em relação ao desempenho profissional, ao nível de renda e de produtividade. Além disso, enfatiza os benefícios com relação à redução dos índices de fracasso escolar, da pobreza, da criminalidade e de pessoas assistidas pelo serviço social.

Klein (2007) corrobora com essas afirmações e destaca a importância do acesso a uma pré-escola de qualidade, suas vantagens para o desenvolvimento da criança e para desempenho escolar, como também para o crescimento da nação. Ele constrói seus argumentos a partir das discussões ocorridas no Seminário sobre Pré-Escola e Qualidade da Educação organizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV - Rio) em 2005, das contribuições do Prof. James Heckman (Prêmio Nobel de Economia no ano 2000), de referências como Masterov (2004) e os estudos longitudinais de Perry, Schweinhart e etal (2005) e Abecedarian, Campbell etal (2002), realizados nos Estados Unidos e ainda da defesa presente na primeira proposta das “Metas de Educação para Todos” (2000): “*Expandir e melhorar a educação e os cuidados com a primeira infância, principalmente para as crianças mais vulneráveis e em maior desvantagem*”.

E ainda, Klein (2007) ainda fundamenta sua defesa a partir de dados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNAD), dos Censos Escolares que indicam o crescimento de matrículas na creche e pré-escola nos últimos anos e nos dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) de 2003. Em análise feita ao banco da citada avaliação, o autor verifica uma associação positiva entre o desempenho em matemática dos alunos que fizeram a pré-escola ou creche.

Corroborando com o arcabouço dessas afirmações, Becker (2005) realça que o processo da entrada da criança no ambiente escolar traz benefícios quanto aos aspectos da integração da criança-ambiente podendo desempenhar um papel positivo no desenvolvimento infantil. Entre os tantos benefícios que a pré-escola pode favorecer a uma criança estão: a redução da mortalidade nesta faixa etária; o maior desenvolvimento cognitivo; a permanência na escola; a redução de repetências e de abandono da escola e até mesmo maior aquisição de vocabulário devido à convivência desde cedo em diferentes ambientes. A criança que frequenta a educação infantil tem, em média, um ano a mais de escolaridade do que aquela que ingressou na escola diretamente no ensino fundamental e tem 32% a mais de chances de concluir o ensino médio. Becker (2005) discute esses argumentos a partir do diálogo de autores como Haddad (2006) e Griffin (2006). Essa visão também é decorrente do desenvolvimento de uma nova sociologia da infância, que concebe a criança como um sujeito de direito, de voz própria e ativa e que entende a infância como uma etapa importante.

Nesse cenário, não há dúvidas de que, a educação infantil seja a etapa educativa, por excelência, para o desenvolvimento do ser humano total e de uma nova cultura. Para formação de sujeitos mais autônomos e livres, mais humanos e mais socialmente comprometidos, mais justos e mais atentos aos respeito aos direitos humanos, principalmente, quando a educação na primeira infantil for acessível a todos e de acordo com os padrões de qualidade e especificidade que lhe é própria.

A educação infantil é uma etapa educativa, particularmente, cheia de possibilidade, haja vista atende ao ser humano em sua primeira infância, no seu desenvolvimento biopsicosocial. Por isso também, faixa etária oportuna para se dá início a construção de um novo projeto, de uma nova cultura e de um novo sujeito.

Sendo assim, se a finalidade pretensa da educação é criar ou desenhar a personalidade global da humanidade, a educação infantil pode ser por excelência por onde esse desenho deva começar.

Todavia, quero destacar que não se trata de garantir o direito da educação infantil na legislação, isso já é fato desde a Constituição Federal de 1988 e da Lei, 9.394/96. Trata-se da configuração de uma política de Estado que assegure recursos financeiros para a realização das políticas e propostas para à infância no Brasil. Trata-se de uma nova política, construída e orientada por estudos e pesquisas que tenham como base o paradigma do pensamento, ou seja, que não tenha com pano de fundo as estratégias da racionalidade técnica, antes, porém que tenha como parâmetro as especificidades e organicidades dessa etapa educativa. Que seja, por fim, uma política de Estado, e não uma política setorial, fragmentada, mas articule-se com outras políticas públicas.

Desse modo, na perspectiva de Honnuon compreendemos a educação infantil como um empreendimento da humanidade. Uma proposição da humanidade em ainda na infância recusar que o desenvolvimento humano seja fruto do acaso, das determinações, e das circunstâncias ambientais e biológicas. Mas, pelo contrario, a partir dos processos educacionais, de suas finalidades e pressupostos decidi ousar em escrever seu destino, em criar a si mesmo e a própria humanidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas quanto aos avanços alcançados da educação brasileira na atualidade, sobretudo, pelo que constatamos ao observamos o conjunto das reformas ocorridas a partir dos anos de 1990. Todavia, muitos são os desafios que seguem em aberto, sobretudo, para a concretização de uma educação com qualidade e equidade para todos os brasileiros.

Talvez nos seria necessário repensar, ou pensar um projeto educacional. A escola, o modelo de educação e as políticas educativas. Fazer uma análise sistêmica, a partir de um olhar em três direções: um olhar para além da escola, isto é, a partir do contexto em que esta inserida; outro olha a partir da educação em si mesma, como ela acontece e se constitui no Brasil, qual tem sido sua finalidade e quais têm sido seus alcances; e um olhar a partir e sobre o professor, que é esse sujeito, de fato e de direito, sua função, sua profissão, sua atuação, sua constituição, também, sua valorização.

É fundamental inserir a análise e o olhar no contexto da crise da modernidade e repensá-la dentro dos paradigmas do pensamento complexo. Nessa direção Hannoun,

oferece considerações importantes sobre a educação e sua finalidade, principalmente, por destacar o princípio da *enação*, pelo qual todo educador é movido, por meio do ato educativo, a ousar recriar a própria humanidade e a se mesmo, conseqüentemente, a criar e recriar seu próprio fazer educativo na medida em que se lança na ação de fazê-lo.

O mesmo passo, nesse texto, defendemos que todo o processo de repensar e (re)criar a humanidade e o fazer educacional brasileiro, bem como de enfrentamento aos avanços e crises apresentados á educação formal, na atualidade, perpassa pela educação infantil. Historicamente o Estado brasileiro quando começou a pensar na educação sempre priorizou a educação superior, tendo em vista seu projeto classista.

Agora é momento de desenhar um projeto educacional que tenha a infância como prioridade. Assim, temos a Educação Infantil como uma aposta *enactante* e a propomos como condição imprescindível para (re)começar um desenho de superação aos desafios postos a educação nacional.

REFERÊNCIAS

ABREU Mariza. **Educação Infantil no Brasil: legislação, matrículas, financiamento e desafios**. Brasília. DF: Câmara dos Deputados. 2004.

BECKER, Fernanda da Rosa. **Educação infantil no Brasil: a perspectiva do acesso e do financiamento**. Disponível em: <www.rioei.org>. Acesso em: agosto. 2012.

FERREIRA, Eliza Bartolozzi, OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Crise da escola e políticas educativas** (Orga).Belo Horizonte : Autêntica Editora , 2009.

HANNOUN, Hubert. **Educação: certezas e apostas**. São Paulo: UNESP, 1998.

KLEIN. Ruben. A Pré-Escola no Brasil. REICE: **Revista eletrônica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en educacion**. Vol,5. 2007.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego: complexidade, política e solidariedade**. São Paulo: Palas Athena, 2000.